

Património da Humanidade na

Bacia do Douro

Patrimonio de la Humanidad en la

Cuenca del Duero



4 Sítios de Arte Rupestre do Vale do

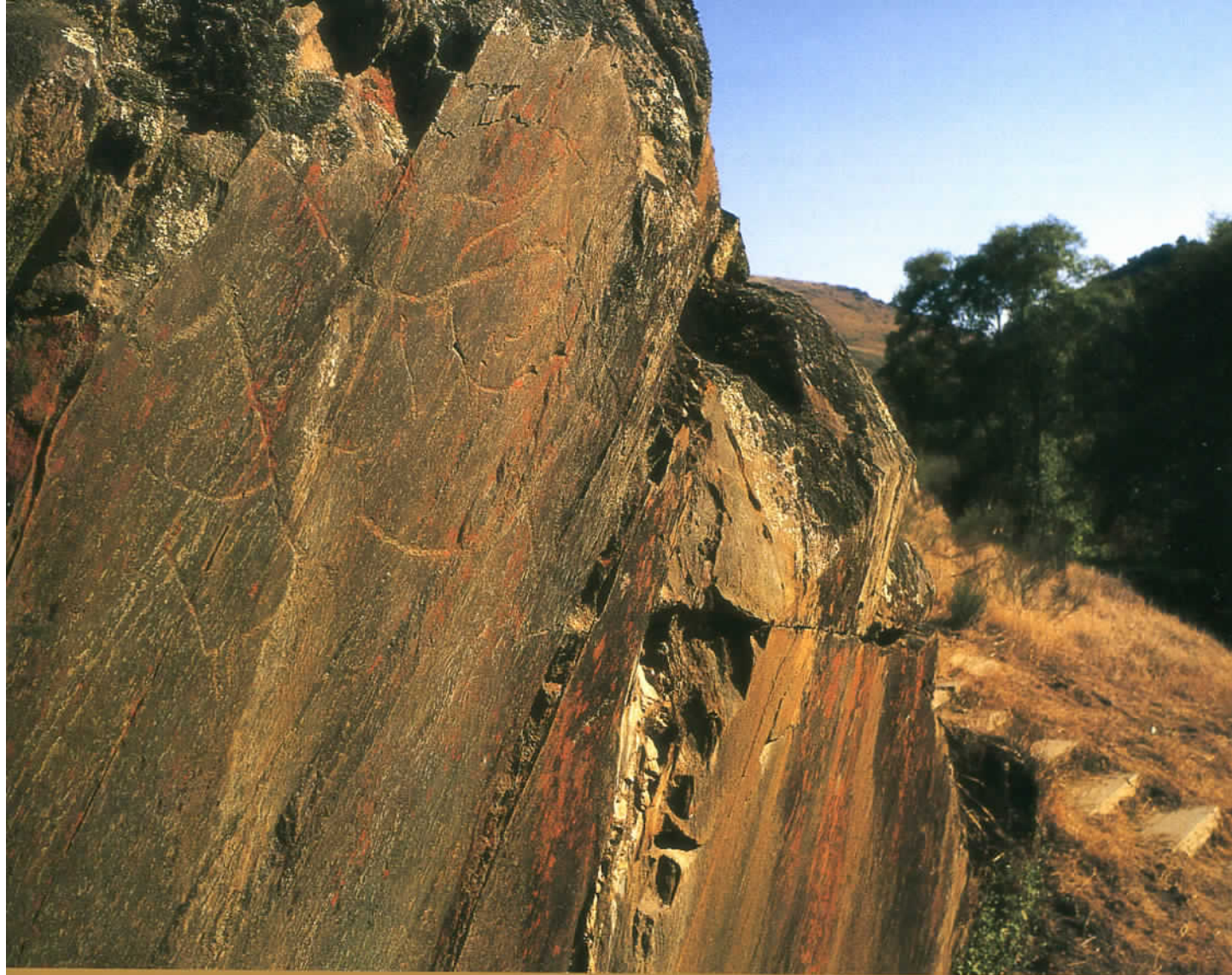
Côa 137

A Arte do Vale do Côa	138
Os caçadores artistas do Côa	142
Memória material de povos milenares	142
Conhecer os recursos e viver num território	142
Laços entre caçadores nómadas	143
À volta do Parque Arqueológico do Vale do Côa	145
Parque Arqueológico do Vale do Côa: um território artístico	146
O Parque	146
Principais Elementos Patrimoniais do PAVC	147
✦ Ribeira de Piscos	147
✦ Canada do Inferno	147
✦ Fariseu	147
✦ Quinta da Barca/Penascosa	148
✦ Cardina / Salto do Boi	148
✦ Pedra Altas	149
✦ Cidadelhe	150
As Visitas	152
Oferta complementar	155
Bibliografia	158

5 El Centro Histórico de Ávila y sus iglesias extramuros 159

Buen nivel de conservación y mejora de la movilidad	161
Casco histórico vivo	161
Principales Elementos Patrimoniales	162
✦ La Muralla	162
✦ Santa Teresa y Los Lugares Teresianos	162
✦ La Encarnación	163
✦ El Monasterio de San José	163
✦ Iglesia y Convento de Santa Teresa	163
✦ La Catedral	164
✦ San Vicente y San Pedro	164





4

**Sítios de Arte Rupestre
do Vale do Côa**



A ARTE DO VALE DO CÔA

ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA, ANDRÉ TOMÁS SANTOS E DALILA CORREIA

O complexo de arte rupestre do Vale do Côa, revelado a partir de finais de 1994, é considerado o maior e o mais importante conjunto mundial de arte paleolítica de ar livre, tendo sido classificado pela UNESCO, em Dezembro de 1998, como Património da Humanidade.

Vista Geral do Vale do Côa



Arte Paleolítica. Quinta da Barca, Chãs



Para além da arte paleolítica, outros ciclos rupestres aqui se sucederam, conhecendo-se bons exemplos de arte da pré-história recente e particularmente da Idade do Ferro, este o segundo grupo artístico mais importante da região e um dos mais característicos a nível peninsular.

As intensas prospecções arqueológicas levadas a cabo nos últimos anos sistematizaram a distribuição espacial dos núcleos rupestres por 44 sítios, disseminados ao longo das mar-

gens do último troço do Côa, um afluente do Douro, numa extensão de cerca de 17 quilómetros. Alguns destes sítios estão localizados já no Douro ou nas vertentes dos pequenos afluentes que marginam a região da foz do Côa. Mas foi este rio que se constituiu como o eixo fundamental de todos estes ciclos artísticos.

Excepto no sítio da Faia, o mais a montante e o único onde o Côa flui em ambiente granítico, todas as gravuras e as raras pinturas se encontram nos amplos e lisos paredões de xisto, quase sempre com uma disposição vertical, que afloram nas margens dos cursos de água.

As características de jazida da arte paleolítica, que podem paralelizar-se com as do sítio vizinho de Siega Verde, no rio Águeda, contribuíram para tornar a paleta gráfica paleolítica também ela uma arte da luz, pois durante mais de um século se pensou ser a arte parietal plistocénica praticamente exclusiva do mundo das grutas.

Obedecendo aos cânones da arte paleolítica da Europa ocidental, a temática do Côa, com motivos de grande qualidade estética e elaborados padrões de execução técnica, é fundamentalmente zoomórfica e naturalista. A fauna representada, típica de um clima temperado a frio, é constituída por equídeos (cavalos), bovídeos (auroques), capríneos (cabras e camurças) e cervídeos (vedados e cervas). Este bestiário é complementado por alguns raros peixes, bem como por alguns zoomorfos indeterminados, cuja morfologia, no entanto, os aproxima da tipologia das espécies apontadas.

Em duas rochas foram ainda identificadas algumas representações humanas, de que a mais divulgada é o antropomorfo ictifálico de Piscos. Todos os tentam o aspecto caricatural e até animalesco, típico dos humanos paleolíticos identificados na arte móvel ou na arte das grutas.

Tecnicamente, os motivos são na sua maioria gravados por incisão ou martelagem, havendo raros casos de animais (auroques) gravados e pintados a vermelho, estes apenas em local abrigado da Faia. Isto sugere que outros motivos, de que hoje apenas se conservam os traços gravados ou raspados, poderão também ter sido pintados.

Na sua maioria os motivos surgem isolados, como que pairando num espaço idealizado, sem figuração do solo ou de qualquer elemento vegetalista. São raras as cenas ou composições, de que a mais notável é a de dois cavalos com as cabeças enlaçadas em Piscos. Há também animais com múltiplas cabeças sugerindo movimento, uma característica pouco comum na arte paleolítica, mas muito típica da Arte do Côa. Por outro lado, os artistas sobrepunham intencionalmente os animais nas mesmas zonas dos painéis, constituindo as rochas mais densamente gravadas verdadeiros palimpsestos com ricas estratigrafias figurativas.

Novembro de 1991 Descoberta da primeira rocha gravada com motivos paleolíticos no Vale do Côa [rocha 1 da Canada do Inferno] por Nelson Rebanda.

Novembro de 1994 Divulgação das descobertas.

Janeiro de 1996 Suspensão das obras de construção da barragem.

Agosto de 1996 Criação do Parque Arqueológico do Vale do Côa e abertura das gravuras ao público.

2 de Julho de 1997 Classificação dos sítios arqueológicos do vale do Côa como Monumento Nacional [Decreto n.º 32/97].

5 de Dezembro de 1998 Classificação da arte paleolítica do Vale do Côa como Património Mundial pelo Comité do Património Mundial da UNESCO.

16 de Fevereiro de 1999 Definição do território do PAVC [D.L. 50/99].

1 de Fevereiro de 2005 Abertura de inquérito público relativamente à proposta de criação do Parque Arqueológico do Vale do Côa, com competências sobre o território à luz do Decreto-Lei n.º 131/2002.

Janeiro de 2007 Início da construção do Museu do Côa, cuja data prevista de abertura é o ano de 2009.



Arte Paleolítica. Sítio da Vermelhosa

A escavação da praia frente à rocha 1 do Fariseu, um painel repleto de gravuras picotadas sobrepostas (86 identificadas até ao momento) que evidenciam já todos os atributos de forma e estilo da Arte do Côa, selado por estratos com restos de fauna consumida e indústrias líticas atribuíveis à segunda metade do Paleolítico superior, demonstra que a acumulação estruturada e intencional dos motivos nas mesmas zonas dos painéis, se processa num mesmo horizonte cultural, muito provavelmente durante o período Gravettense, que é um dos momentos de apogeu do ciclo artístico paleolítico.

As gravuras picotadas, aquelas que hoje melhor se podem ainda apreciar, são assim as mais antigas, tendo esta técnica de execução sido gradualmente abandonada em detrimento das incisões (traços finos), que se constituem quase em exclusivo como a técnica dominante no 2º período da arte paleolítica (Magdalenense). Neste período, a paisagem ritualizada como que se desloca para a região da confluência entre o Côa e o Douro (Foz do Côa, vales de Cabrões, José Esteves e Vermelhosa, entre outros).

Aquelas escavações forneceram também um apreciável lote de placas de pedra com arte móvel incisa, todas datáveis dos últimos milénios do Paleolítico (período Magdalenense).

O ordenamento ritualizado do espaço decorado privilegiando as zonas de praia no vale do Côa (fase arcaica), demonstra que a monumentalização da paisagem e a sua aliança com a fauna de herbívoros e os cursos de água, está já adquirida desde o Gravettense, prolongando-se a gravação, agora mais dispersa, até ao Magdalenense (fase recente). Durante esse longo período de tempo pode considerar-se o vale do Côa como um vasto "santuário" de ar livre, percorrido e ordenado por sucessivas gerações de caçadores-artistas do Paleolítico superior.

O segundo período artístico com maior densidade de gravuras é o da IIª Idade do Ferro (2ª metade do 1º milénio a.C.). Centrado fundamentalmente no espaço envolvente à foz do Côa, aqui foram identificadas centenas de rochas historiadas, com uma temática muito diferente da dos períodos anteriores. Com gravuras quase em absoluto incisas, o homem é aqui o actor dominante, surgindo quase sempre armado, e montado em cavalos ou apeado, por vezes em combates ritualizados. Cavalos, cães, veados e animais mitológicos constituem o bestiário da arte da Idade do Ferro, num estilo animado, por vezes quase caricatural, oscilando entre um naturalismo decadente e um jogo de formas padronizadas e impressivas (cavalos com grandes cabeças, veados lineares com longos cornos em V, cães longilíneos...) muito longe da estética naturalista paleolítica. A panóplia de armas figuradas (lanças e dardos, espadas, falcatas e facas afalcadas e escudos, mas onde é notória a ausência de arcos e flechas), sendo um bom indicador cronológico, demonstra que os criadores desta arte se constituíam em sociedades guerreiras dominadas por fortes hierarquias (quase feudais!) muito próximas das sociedades heróicas (quanto bárbaras) descritas por Estrabão nos alvares da conquista romana. Na fronteira da Lusitânia, não conhecemos o nome deste povo artista e guerreiro.

As gravações de tempos históricos (séculos XVII-XX) encerram os ciclos rupestres do Côa. Também elas quase que só centradas entre a Canada do Inferno e a Foz do Côa, estas gravuras mais recentes devem-se fundamentalmente aos moleiros e reflectem os seus horizontes ideológico-religiosos, gravando-se temas religiosos (cruzeiros, cruces, custódias, inscrições ao Santíssimo Sacramento, uma interessantíssima gravura do culto do Menino Jesus da Cartolina...), datas, nomes, comboios, barcos... e até o castelo de Guimarães com cenas de luta entre o rei de Portugal, Afonso Henriques, e o rei de Castela, cenas gravadas seguramente na sequência do ano dos centenários e das influências nacionalistas dos tempos do Estado Novo.

OS CAÇADORES ARTISTAS DO CÔA

THIERRY AUBRY E JORGE DAVIDE SAMPAIO

MEMÓRIA MATERIAL DE POVOS MILENARES

O povoamento humano no Vale do Douro é muito mais antigo do que o Paleolítico superior — período durante o qual foi gravada uma grande parte da arte do Vale do Côa. A descoberta de utensílios fabricados a partir dos seixos existentes nos depósitos das margens do antigo leito do rio Douro, atestam a presença humana na região há mais de 150.000 anos.

Durante o Paleolítico superior (período situado entre 40.000 e 10.000 anos antes do presente) os homens e mulheres *sapiens sapiens*, iguais a nós em termos físicos, realizaram a mais antiga forma de arte (gravuras rupestres) e deixaram os objectos que utilizaram quer na caça quer em tarefas domésticas. Com o passar do tempo, a parte mais frágil de tais objectos desapareceu irremediavelmente, embora se tenham conservado os elementos líticos, e mais raramente alguns ossos dos animais caçados. Com base em escavações arqueológicas, é possível recuperar os milhares de artefactos que fizeram parte do quotidiano destas populações de caçadores e artistas, e assim organizar verdadeiros arquivos que conservam dados preciosos para reconstituir o ambiente, os modos de vida, e para estabelecer o elo entre as gravuras rupestres e os seus autores sem escrita.

A sucessão de grupos humanos ao longo de milhares de anos deixou em alguns acampamentos do Vale do Côa uma sobreposição de camadas, depositadas desde as mais antigas até às mais recentes. Os tipos de ferramentas fabricadas em pedra foram evoluindo consoante as necessidades e as “modas”. Por comparação tipológica com peças de sítios do Sul da Europa, foi possível estabelecer datas aproximadas da presença humana no Côa. Tais datas foram confirmadas pelos métodos físicos de datação (métodos que determinam os últimos momentos de aquecimento de pedras utilizadas em fogueiras; a última exposição à luz solar dos solos que cobrem os vestígios; o momento da morte dos animais caçados a partir dos ossos conservados). É, assim, possível, atestar a presença humana na bacia do baixo Côa durante vários momentos entre 31 000 e 10 000 anos antes do presente.

CONHECER OS RECURSOS E VIVER NUM TERRITÓRIO

As informações obtidas a partir da análise das camadas que preservam os vestígios no subsolo dos sítios escavados no Vale do Côa, bem como o estudo dos depósitos conservados nos mares e no topo da Serra da Estrela, permitem



reconstituir o clima vigente e a sua variação durante estes milhares de anos. Os dados indicam a existência de um glaciar no topo desta serra e um clima nitidamente mais frio (média anual inferior a 10°C) e com estações mais vinçadas até cerca de 10.000 anos antes do presente, altura em que se instala a fase climática actual.

Neste contexto, bem distinto do actual, os animais e as plantas eram outros. Em situações normais, os solos que conservam os vestígios nos sítios arqueológicos da região do Côa não possibilitam a conservação dos restos orgânicos (madeira, ossos e vegetais). No entanto, e excepcionalmente, quando são recobertos rapidamente pelas cheias do rio, como aconteceu no sítio do Fariseu, no Parque Arqueológico do Vale do Côa, é possível encontrar preservados pequenos fragmentos de ossos de animais. A partir destes restos sabemos quais foram os animais caçados há 10.000 anos. A presença de restos de sável, um peixe que migra sazonalmente a partir do Atlântico, evidencia a sua inclusão na dieta paleolítica e indica a presença humana neste local pelo menos durante a Primavera.

Os planaltos graníticos de maior altitude, com temperaturas mais baixas do que o fundo dos vales, mais protegidos, foram os locais eleitos para a caça de grandes herbívoros (alguns dos animais que aparecem representados na arte do Vale do Côa: auroques e cavalos), que viriam em busca da água resultante do degelo primaveril. Pequenos grupos de caçadores deslocavam-se sazonalmente a estes locais para aí obterem elevadas quantidades de caça, uma parte da qual seria conservada para consumir durante as estações mais frias. Após a caça, os utensílios em pedra que armavam as lanças eram abandonados, por se deteriorarem durante a utilização, tal como as pedras das fogueiras, que depois de submetidas a altas temperaturas serviam para conservar os alimentos.

Alguns acampamentos nas margens do Côa evidenciam actividades de tratamento das várias partes da caça (peles, ossos e tendões), e da pesca. Os vestígios de cabanas reutilizadas durante passagens sucessivas, bem como de fogueiras com diversas funções, e uma larga gama de utensílios de pedra lascada, indicam uma estadia mais prolongada, provavelmente associada à estação fria.

LAÇOS ENTRE CAÇADORES NÓMADAS

Estes caçadores que viviam em pequenos grupos de dezenas de pessoas não permaneciam no mesmo lugar e juntos ao longo do ano. Homens e mulheres percorriam um determinado território marcado pelas trajectórias dos animais que caçavam, das plantas que recolhiam e da localização das rochas que preci-



savam para fabricar as ferramentas. Os diversos recursos minerais utilizados para a confecção de tais utensílios de pedra e os pigmentos aplicados na arte, nas pinturas corporais, no tratamento das peles e na composição de colas, evidenciam um excelente conhecimento dos recursos num território com uma extensão de cerca de 50 quilómetros ao longo do Côa ou para Norte do Douro, facto que aponta para a existência de deslocações sazonais.

O sílex, uma rocha que permite a obtenção de objectos com gume altamente cortante e resistente, foi reservado para a confecção das extremidades que armavam as lanças. O estudo destes objectos revelou que as matérias-primas utilizadas não existem localmente: foram extraídas a mais de 150 quilómetros de distância, quer em direcção ao litoral, quer seguindo para o interior da Península Ibérica.

As investigações levadas a cabo em pouco mais de dez anos no troço final do rio Côa permitiram reconstituir uma parte importante do quotidiano dos caçadores e artistas que sazonalmente percorriam um vastíssimo território. Porém, outros desafios, não menos importantes, emergem de forma a ampliar



Território Setentrional do Parque Arqueológico

o conhecimento sobre estes homens e mulheres: por um lado, tentar explicar os laços que uniam estes grupos que realizavam incursões ao longo de um território extenso em busca de um dado conjunto de matérias-primas. Por outro lado, compreender a relação entre a sua cultura material e a arte produzida.

À VOLTA DO PARQUE ARQUEOLÓGICO DO VALE DO CÔA

O Parque Arqueológico do Vale do Côa foi limitado pelo rio Douro e pelas estradas que ligam entre si as aldeias do Baixo Vale do Côa. Seguindo estas vias de circulação entre os centros habitados, ter-se-á uma boa compreensão da geomorfologia do Parque, do território que acolheu os caçadores-artistas do Paleolítico Superior que o escolheram para viver: entre os granitos do seu extremo meridional e os xistos que desde aí velam o curso do rio até à foz. Permitirá também melhor compreender o equilíbrio entre território e habitantes, ler a paisagem que resultou de um aproveitamento de recursos que possibilitou que este legado da Pré-História humana nos chegasse desta forma conservado.

Seguindo do Pocinho em direcção a Foz Côa, daí a Muxagata e, mantendo a orientação para sul, com o castelo de Longroiva à vista, inflectindo para as Chãs e Santa Comba, ruman-do depois a Cidadelhe, aldeia a partir da qual, uma vez cruzado o Côa, se inflecte o caminho para norte, para Vale Afonsinho, Algodres, Castelo Melhor, Orgal e Vila Nova de Foz Côa, temos o percurso que contorna o Parque. Terras mais férteis ou mais agrestes, ora de vale ora planálticas, o casario das aldeias e das sedes concelhias testemunha distintos aproveitamentos da terra, diversas qualidades dos solos, diferentes colheitas e rendimentos.

Não há forma de o conhecer de outro modo que não seja percorrendo o território: Vila Nova de Foz Côa, do sítio do Castelo, onde se erigiu a vila nova fortificada, baixo-medieval, ao museu que agora se ergue, sobre o Douro. Muxagata, percebendo as antigas marcas de poder concelhio, a alcaria e os lagares que salpicam a malha urbana. Em Santa Comba, os testemunhos da olaria e as marcas que deixou, descobrem-se calcorreando as ruas e tardando o olhar em cada alpendre. Nas Chãs e Tomadias, atenderemos à geomorfologia. Planáltica, interpõe-se, dominante, entre dois vales, velando a ocidente o Côa que, em tempos, ditava a linha de fronteira. Em Vale de Afonsinho e Algodres, a relação entre a aldeia e os campos, e entre as casas senhoriais e vernaculares, fala da



Vistas Gerais de
Vila Nova de Foz Côa
Algodres





fertilidade das terras, de gado grosso e dessa composição ímpar que combina o verde e o castanho dos cultivos com os amarelos das paredes graníticas. Em Almendra, entre a força da igreja matriz, a imponência das casas senhoriais, os testemunhos do antigo poder concelhio, os espaços públicos, os ténues sinais de um forte moderno, descobre-se uma história rica, medieval e moderna. Em Castelo Melhor é o Castelo de xisto que marca toda a aldeia, que cresceu no sentido do vale, deixando-o sem uso, mas omnipresente.

PARQUE ARQUEOLÓGICO DO VALE DO CÔA: UM TERRITÓRIO ARTÍSTICO¹²

O PARQUE

O Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) é um serviço público sediado em Vila Nova de Foz Côa, dependente do Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR, I.P.) e sob tutela do Ministério da Cultura.

O PAVC abriu as suas portas em Agosto de 1996. O seu papel é recolher, investigar, salvaguardar, valorizar e colocar à fruição pública o valioso conjunto de 40 núcleos de arte rupestre do Vale do Côa.

Em 1997 este conjunto foi classificado como Monumento Nacional, uma vez que:

“O vale do rio Côa constitui um local único no mundo por apresentar manifestações artísticas ao ar livre, inseríveis em diversos momentos da Pré-História e da História, nomeadamente o maior conjunto de figurações paleolíticas ao ar livre até hoje conhecidas.

Torna-se assim possível, na região do Côa, e pela primeira vez na história do Paleolítico Superior, investigar o modo como esses nossos mais remotos antepassados concebiam a paisagem que habitavam” (Decreto n.º 32/97, de 2 de Julho).

Em Dezembro de 1998, o Vale do Côa é inscrito na Lista do Património da Humanidade da UNESCO, com os seguintes critérios:

“A arte rupestre do Paleolítico superior do Vale do Côa é uma ilustração excepcional do desenvolvimento repentino do génio criador, na alvorada do desenvolvimento cultural humano; A arte rupestre do Vale do Côa demonstra, de forma excepcional, a vida social, económica e espiritual do primeiro antepassado da humanidade”.

¹² Os textos que se seguem são de autoria de um conjunto de investigadores e técnicos do PAVC, designadamente: Alexandra Cerveira Lima, André Tomás Santos, Ângela Junqueiro, António Martinho Baptista, Jorge Davide Sampaio, Luís Luis e Thierry Aubry.

De forma a preservar este conjunto artístico, o PAVC gere um território de vinte mil hectares em torno dos últimos quilómetros do vale do rio Côa, junto à sua confluência com o Douro. Este território integra parcelas dos concelhos de Vila Nova de Foz Côa, Figueira de Castelo Rodrigo, Pinhel e Meda.

As actividades do PAVC partem da investigação científica da arte rupestre do Vale do Côa e do seu contexto arqueológico. Com base nos conhecimentos produzidos, são realizadas visitas guiadas aos núcleos de arte rupestre e ao território. Para além disso, desenvolve-se um trabalho de conservação deste património, com vista à sua transmissão para as próximas gerações.

PRINCIPAIS ELEMENTOS PATRIMONIAIS DO PAVC

◆ RIBEIRA DE PISCOS

Aqui se guardam as únicas imagens, quais auto-retratos finamente incisos, de artistas magdalenenses que estanciaram no Vale do Côa (Rochas 2 e 24). É também neste núcleo que se pode apreciar uma das obras-primas absolutas da arte paleolítica do Côa, os equídeos com as cabeças enleadas, magistralmente traçados por picotagens profundas na Rocha 1, um painel junto ao leito da ribeira.



Ribeira de Piscos

◆ CANADA DO INFERNO

Margem abrupta e grandiosa encimando uma ampla enseada, que hoje perdeu parte da sua monumentalidade devido à subida das águas c. de 12 m por efeito da presa do Pocinho, aqui se centrava um dos axis-mundi do período arcaico paleolítico. As gravuras zoomórficas intencionalmente sobrepostas ao alto do painel da rocha 1, tornaram-se uma das imagens de marca da Arte do Côa.



Canada do Inferno

◆ FARISEU

A Rocha 1 do Fariseu é um dos mais importantes painéis do Vale do Côa, quer pela quantidade de motivos gravados (86), quer pelo facto de ser a única rocha insculturada que até hoje foi identificada associada a camadas arqueológicas de época paleolítica, que a cobriam parcialmente, e continham várias peças de indústria lítica, bem como restos de fauna.



Fariseu

A escavação arqueológica que permitiu identificar o painel e a estratigrafia associada, forneceu também um conjunto de placas decoradas com motivos incisos, o maior conjunto de arte móvel do território nacional.

Estes factos permitiram a obtenção das primeiras datações arqueológicas absolutas de sedimentos associados à arte paleolítica do Vale do Côa, estabelecendo-se a idade mínima do painel gravado: 18.400 anos antes do presente.

✦ QUINTA DA BARCA/PENASCOSA

Eixo central da mundividência arcaica paleolítica, são os únicos sítios do Côa onde as rochas gravadas monumentalizam sincronicamente ambas as margens do rio. Aqui abundam as gravuras de traço profundo, por vezes em ricas estratigrafias figurativas como nas Rochas 3 da Penascosa e 1 da Quinta da Barca, e se guardam as notáveis cabras pirenaicas da Rocha 3 da Quinta da Barca, com a sua figura central com 2 cabeças simulando movimento.



Penascosa

✦ CARDINA / SALTO DO BOI

O sítio arqueológico de Cardina localiza-se a cerca de três quilómetros para montante dos núcleos de arte rupestre da Penascosa e Quinta da Barca e à mesma distância do núcleo da Faia. Ocupa uma plataforma sobranceira ao rio Côa, elevando-se a 160 metros de altitude. Neste ponto do seu curso, pouco depois de sair do granito e de encontrar o xisto, o Côa descreve uma curva apertada, determinada pelas dificuldades de ultrapassagem de um importante acidente geológico de rochas duras. Por consequência, este local corresponde à zona do vale onde a distância entre as duas margens é mais pequena — apenas 10 m — e está na origem topónimo: Salto do Boi.

Durante a fase caracterizada pela intensa polémica em torno da cronologia das gravuras rupestre do Côa, este sítio teve um papel fundamental por ter fornecido os primeiros indícios da ocupação humana da região durante o Paleolítico superior.



Cardina, Santa Comba

Os vestígios de pedra lascada recolhidos vieram atestar várias fases durante as quais grupos de caçadores, aproveitando a excepcional localização, ali viveram entre 10 000 e 28.000 anos. A fase mais antiga atestada no sítio revelou um conjunto de blocos de pedra que faziam parte da arquitectura de uma cabana de forma circular com cerca de 4 metros de diâmetro.

O estudo de mais de 30 000 artefactos de pedra lascada associados a esta fase de ocupação, permitiu propor uma reutilização do sítio com base em estadias relativamente longas durante o percurso anual destas populações nómadas. Daquele lote de artefactos destacam-se vestígios de ferramentas, como sejam fragmentos de armas de caça, e outras utilizadas nas actividades domésticas associadas à transformação da caça e de diversos materiais perecíveis que não se conservaram.

❖ PEDRA ALTAS

A cerca de três quilómetros para Este da Cardina estende-se um planalto granítico de altitude compreendida entre 500 e 600 metros de altitude, que se interpõe entre o Vale do Côa e o Vale da Ribeira de Aguiar, e que dá origem à Ribeirinha, o curso de água que desemboca junto das gravuras da Penascosa. Em ambas as margens daquele curso de água foi detectada uma concentração de vários sítios arqueológicos atribuíveis ao Paleolítico.

Durante uma fase climaticamente mais fria do que a actual, vigente há cerca de 28.000 anos, as precipitações acumulavam-se aqui, sob a forma de neve



Sítio das Olgas

e gelo. As condições topográficas aplanadas permitiram a acumulação temporária de água durante a Primavera, tendo sido certamente um factor atractivo para os grandes herbívoros que povoavam a região. No sítio de Olga Grande 4, localizado em torno dum relevo granítico bem marcado na paisagem, os instrumentos de pedra lascada descobertos, bem como as datas absolutas obtidas pelo processo TL (Termoluminescência), atestam uma exploração dos recursos deste espaço durante várias fases do Paleolítico superior, e que perdurou durante períodos posteriores.

A descoberta de fragmentos de pontas assimétricas tipicamente enquadráveis no designado período Solutrense, permitiu demonstrar a ocupação humana no interior da Península Ibérica, num lugar afastado dos sítios conhecidos até agora (que se julgavam concentrados exclusivamente nas áreas litorais da Península Ibérica).

Durante a fase mais antiga do Paleolítico superior (também contemporânea da construção da cabana da Cardina), os caçadores deixaram concentrações de pedras utilizadas para a construção de grandeslareiras, que pelo seu extraordinário estado de conservação, foram descobertas quase no estado em que foram abandonadas.

❖ CIDADELHE

O concelho de Pinhel avança aqui para Norte. Vêmo-lo a seguir os limites que os rios constituem: o Côa a oriente, a Ribeira de Massueime a poente. O seu extremo setentrional define-se ali onde os dois cursos de água se encontram. Este território planáltico entre vales encaixados, de imponentíssimas vistas, constitui o termo de Cidadelhe. Podemos imaginá-lo, afastado que está dos grandes centros populacionais, das terras férteis, e dos grandes eixos de atravessamento da Península Ibérica, habitado, de forma contínua, da pré-história à actualidade: da arte paleolítica da Faia à freguesia actual aldeia de Cidadelhe, objecto de intervenção arquitectónica a pensar na sua futura valorização patrimonial. Na freguesia de Cidadelhe, nas margens do Côa, foram identificadas até ao momento 6 rochas historiadas, as mais meridionais do Parque Arqueológico: 5 com motivos datáveis da Pré-história Recente e 2 com figurações Paleolíticas, conhecidas como o núcleo de arte rupestre da Faia.

A bibliografia arqueológica cita o Castelo dos Mouros de Cidadelhe como um povoado proto-histórico romanizado, com vestígios de amuralhamento, de onde são provenientes materiais da Idade do Bronze Final, da Idade do Ferro e de época romana¹³.

¹³ São também daqui provenientes materiais de época medieval. Cf designadamente RESTRELO, Manuel Sabino — A Romanização na bacia do rio Côa, PAVC, 2003. Idem, *ibidem*.



Cidadelhe

São referidas sepulturas escavadas no granito, testemunho de povoamento posterior, provável pequeno núcleo populacional que se desenvolveu nas proximidades do castelo, na Alta Idade Média .

Na primeira metade do século XVI, Cidadelhe é dado como lugar do termo de Pinhel com 42 fogos, isto é, 42 casas de família ou agregados familiares. A aldeia erguia-se em torno do templo, que no início do século XVIII o Padre Carvalho da Costa refere como igreja paroquial de invocação de Santo Amaro, tendo a aldeia, ao tempo, 60 vizinhos. Pertencia a esta freguesia a Quinta do Espinhaço com 20 vizinhos.

Nas Memórias Paroquiais de meados do século XVIII, 111 fogos erguiam-se em Cidadelhe em torno da igreja. Correspondem ao hoje chamado "povo de baixo". Para ocidente pontificava a capela de São Sebastião, por certo algumas eiras e palheiros. A população cresceu e o casario foi-se desenvolvendo nesta direcção, dando origem ao mais recente povo de cima.

Percurso de elevado valor paisagístico, atento à arqueologia, à história, à arquitectura vernacular, mas também a uma religiosidade que se expressa em templos, de que destacamos os tectos pintados, em cruzeiros, no calvário e no pátio, cuja história tanto marca a aldeia dos nossos dias.

AS VISITAS

Tendo em conta as características da arte, o Parque Arqueológico definiu um sistema de visita às gravuras do Vale do Côa, tendo como preocupação fundamental a preservação da arte rupestre e da paisagem em que esta se insere, bem como a sua completa fruição por parte dos visitantes.

O visitante tem à sua escolha os três mais importantes núcleos de arte rupestre: Penascosa, Canada do Inferno e Ribeira de Piscos. As visitas a estes núcleos fazem-se em viaturas todo-o-terreno e acompanhadas por um guia, pelo que deverão sempre ser reservadas com antecedência, dado que são guiadas e realizadas em viaturas todo-o-terreno. Num dia é apenas possível visitar dois núcleos de gravuras, um durante a manhã e outro durante a tarde. Estas visitas são essenciais para dar a conhecer a criatividade dos homens e mulheres da Pré-história, através da arte que é, neste caso, também o reflexo do seu modo de vida. Pretende-se, por isso, proporcionar um momento de conhecimento do artista (o Homem paleolítico), do seu modo de vida, bem como ajudar a descodificar a arte paleolítica.

✦ Canada do Inferno – esta visita tem início na Sede do PAVC em Vila Nova de Foz Côa, com a duração de aproximadamente 2 horas, e inclui um percurso a pé de 1 Km em montanha;

✦ Ribeira de Piscos – a visita inicia-se a partir do Centro de Recepção de Muxagata, com a duração de aproximadamente 2h30 e inclui um percurso a pé de 2 Km em montanha;

✦ Penascosa – a visita tem início a partir do Centro de Recepção de Castelo Melhor, com a duração de aproximadamente 1h30, com uma pequena caminhada de 200 metros.

Ideais para complementar uma visita diurna à arte do Côa, as **visitas nocturnas** efectuam-se ao núcleo da Penascosa e têm início na Sede do PAVC, em Vila Nova de Foz Côa. Desde a sua realização têm constituído um verdadeiro sucesso pois é à noite que as gravuras sobressaem, quando se projecta sobre as rochas luz rasante.

Pode ainda optar por realizar um percurso diferente no Vale do Côa denominado “**No rasto dos caçadores paleolíticos**”, onde o que se pretende é fazer um enquadramento da vida dos nossos antepassados que habitaram o Vale do Côa. Para tal, recorre-se ao visionamento de dois sítios ocupados durante o Paleolítico Superior, e onde decorreram escavações arqueológicas: a Cardina (percurso feito de jipe) e a Olga Grande 4 (acesso pedestre).

Este percurso é complementado com o recurso à **Oficina de Arqueologia Experimental**, na qual se demonstram, e explicam, várias actividades do quotidiano dos caçadores-recolectores: o talhe, o fabrico de instrumentos em pedra, osso e madeira, a obtenção do fogo e da cola, o aquecimento de água e a caça. Com uma duração média de 3 horas, o local de partida é o Largo da Igreja Matriz em Algodres.

Em termos de **ofertas destinadas ao público escolar**, o Parque Arqueológico do Vale do Côa dispõe ainda de uma visita temática e de uma oficina:

- **“Vamos aprender com aos animais do passado”**: o objectivo é a identificação das espécies de animais gravados e a comparação com as espécies actuais. À volta deste tema são ainda exploradas questões tão importantes como a biodiversidade e a preservação das espécies;
- **Oficina “Pequenos Arqueólogos**: Porquê vasculhar debaixo da terra? Porquê sujar as mãos? O que é que dorme no segredo da terra? Esta actividade procura dar resposta a estas questões, baseando-se num módulo de escavação arqueológica composto por uma caixa de madeira, com areia, onde decorre uma escavação fictícia, em que se fazem quadrículas e se utilizam os instrumentos do arqueólogo. Aqui será descoberto um acampamento com restos materiais dos homens e mulheres que fizeram as gravuras do Vale do Côa.

Quanto a **actividades lúdico-pedagógicas**, o PAVC oferece ainda um conjunto de apresentações, que complementam a visita guiada, das quais destacamos

“O que é a Arqueologia?”: em forma de apresentação e de conversa, descobre-se mais sobre a arqueologia, uma ciência fascinante;

“A Ocupação Humana no Vale do Côa”: o Parque Arqueológico não tem só arte rupestre, existem também vestígios da ocupação humana nesta região ao longo do tempo. Que vestígios são esses e como foi possível chegarmos até eles, são questões abordadas.

Desta oferta fazem ainda parte outras actividades, tais como o jogo **“Descobre a Pré-História”**, em que se pretende combinar a aprendizagem com momentos de entretenimento, com questões sobre a Arqueologia, a Pré-história em geral e arte rupestre; o percurso pedestre **“Com lupa, papel e caneta: vamos descobrir Castelo Melhor?”**, um passeio pedestre nesta aldeia, feito com o auxílio de uma ficha de orientação em que se procura os objectos, casas, pequenos azulejos e varandas, deixados por habitantes de épocas mais próximas de nós e ainda presentes nas memórias e vidas dos que a habitam; e a **Oficina de Arqueologia Experimental**, o ateliê acima descrito, que nos ajuda a interpretar o quotidiano dos homens e mulheres que habitaram o Vale do Côa no Paleolítico Superior.



Todas as visitas ao Vale do Côa e actividades educativas deverão ser reservadas antecipadamente.

Em 2009 estará aberto ao público o Museu do Côa, sobranceiro à confluência do Côa com o Douro. O museu proporá ao visitante uma visita virtual pelos ciclos artísticos do Côa e seus enquadramentos arqueológicos, com particular incidência na Arte Paleolítica, que foi a base da classificação dos sítios rupestres como Património da Humanidade.

Contactos

Parque Arqueológico do Vale do Côa

Av. Gago Coutinho, 19-A

5150-610 Vila Nova de Foz Côa

Tel.: 279 768 260/1

Fax: 279 768 270

visitas.pavc@ipa.min-cultura.pt

www.ipa.min-cultura.pt/pavc

Horário da sede: Das 9.00 às 12.30 e das 14.00-17.30.

O PAVC encerra ao público às segundas-feiras e nos dias 1 de Janeiro, 1 de Maio e 25 de Dezembro.

Entrada: Visita normal: 5,00 €; Visita nocturna: 7,50 €; Vista "No rasto dos caçadores paleolíticos": 10,00 €.

Como chegar?

Vila Nova de Foz Côa situa-se no interior norte de Portugal, junto à fronteira com Espanha. Existem três grandes rotas para aqui se chegar **por automóvel**:

✦ Vindo de Lisboa (Litoral Centro e Sul):

A1 até Torres Novas, daí A23 até à Guarda, A25 até Celorico da Beira e depois N102-IP2 até Vila Nova de Foz Côa ou A1 até Coimbra, daí IP3 até Viseu, A25 até Celorico da Beira e N102-IP2 até Vila Nova de Foz Côa.

✦ Vindo do Porto (Litoral Norte):

IP4 até Mirandela, daí N215 até Vila Flor e N102-IP2 até Vila Nova de Foz Côa.

✦ Vindo de Espanha (por Vilar Formoso):

N322 em direcção a Vila Nova de Foz Côa, passando por Almeida e Figueira de Castelo Rodrigo.

Para acesso em **transportes públicos** existem duas alternativas:

✦ Há actualmente duas empresas que asseguram a **ligação rodoviária** Lisboa/Vila Nova de Foz Côa: Santos (279 652 188) e Rede Nacional de Expressos (7072233449).

- Se optar por chegar aqui utilizando o **caminho-de-ferro** vindo do Porto, a Linha do Douro é a melhor opção, sobretudo pelas magníficas paisagens ao longo das margens do Rio desde a Régua até ao Pocinho. A curta ligação entre o Pocinho e Vila Nova de Foz Côa pode-se fazer através de autocarro ou táxi.

Vindo do Sul, a Linha da Beira Alta chega até Celorico da Beira, a cerca de 60 quilómetros de Vila Nova de Foz Côa. A ligação entre estas localidades faz-se por Expresso.

OFERTA COMPLEMENTAR

Para além da arte paleolítica, o território do Parque Arqueológico Vale do Côa tem muitos outros pontos de interesse:

Quinta da Ervamoira

É na Quinta de Ervamoira, situada na zona do Douro Superior, no Vale do Côa, entre as vilas de Muxagata e Chãs, que a Ramos Pinto dá continuidade à sua associação com as artes e encontro com as culturas. Nesta Quinta, foi inaugurado em 1997 o Museu de Sítio de Ervamoira, situado no coração do Parque Arqueológico do Vale do Côa. Esta é também uma Quinta modelo, pois foi a primeira e é a única totalmente plantada na vertical.

As visitas à Quinta e Museu de Ervamoira são organizadas com marcação prévia e conduzidas por um Guia do Museu. O caminho entre Muxagata, local de recepção dos visitantes e a Quinta, é feito em viatura todo o terreno, pertencente à Casa Ramos Pinto, ao Parque Arqueológico do Vale do Côa, alugada, ou em viatura própria autorizada pela empresa.

Agende a sua visita através dos seguintes contactos:

Telefone: +351 279 759 229 Telemóvel: +351 932 992 533 ou +351 935 263 490

Fax: +351 223 775 099 Email: museuervamoira@portugalmail.pt ou ramospinto@ramospinto.pt

O Museu encerra à segunda-feira e nos feriados de 1 de Janeiro, Páscoa, 1 de Maio, 1 de Novembro e 25 de Dezembro.



Quinta da Ervamoira

Filipa Correia

Destaca-se igualmente, fora dos limites do Parque mas muito próximo, o circuito arqueológico de Freixo de Numão

Os **vestígios patrimoniais** da região são inúmeros. Ainda existem vestígios de importantes castelos e fortificações, que é obrigatório visitar, e dos quais salientamos os de Castelo Melhor, de Longroiva, de Numão e de Pinhel. Marialva e Castelo Rodrigo fazem ainda parte do circuito das aldeias históricas.

Em termos de **património religioso** salienta-se, no território do Parque Arqueológico, a Igreja Matriz de Vila Nova de Foz Côa, Monumento Nacional, com o seu pórtico manuelino, a Igreja de N.ª S.ª. dos Anjos, matriz de Almendra. Merecem destaque também as igrejas e capelas de Algodres, Castelo Melhor, Cidadelhe, Muxagata, Santa Comba e Vale Afonsinho.

Circuito Arqueológico de Freixo de Numão

Muito próximo do Parque Arqueológico do Vale do Côa, no concelho de Foz Côa, o circuito arqueológico de Freixo de Numão merece visita demorada. Pode iniciar-se com uma visita ao Museu da Casa Grande [de

Arqueologia, Etnografia e História]. Após uma vista de olhos pelas exposições temporárias na Casa do Moutinho, aconselha-se uma deslocação até ao Castelo Velho, à Via Romana e Moinho das Regadas, às Villae Romanas de Zímbro II, Rumansil I e Prazo. Neste último sítio encontramos vestígios de ocupação humana desde o Mesolítico até à Baixa Idade Média.



Prazo

Castelo Velho de Freixo de Numão

Situado numa colina sobranceira ao vale da Vila, o sítio de Castelo Velho¹⁴ foi utilizado ao longo do III milénio a.C. Trata-se de um recinto subcircular construído em xisto e argila e interrompido por várias entradas. No interior identificam-se várias estruturas e deposições, sendo o exterior envolvido por um sistema de rampas e taludes que contribuía para a sua monumentalização.

Castelo Velho constitui um vestígio notável de como a arquitectura terá jogado um papel essencial na construção das identidades das comunidades sem escrita.

Contactos:

Museu da Casa Grande – 279 789 117

Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão – A.C.D.R.

Serviços Administrativos – 279 789 573 [Telefone/Fax]

freixo.acdr@clix.pt

A.C.D.R. – Alojamentos e Restaurante –

Tel. 279 789 584

www.acdr-freixo.pt

António Sá Coixão, André Tomás Santos
e Miguel Rodrigues



Castelo Velho

Em **termos naturais**, encontramos-nos numa zona incluída na Rede Natura 2000, protegida sobretudo pela sua avifauna, onde se contam a Cegonha Negra, a Águia-real, a Águia-perdigueira, o Abutre do Egipto e o Grifo.

De entre a paisagem humanizada, destacam-se as encostas coloridas com tonalidades rosa e branca da amendoeira florida em finais de Fevereiro, ou as várias cambiantes, desde o verde ao castanho, das vinhas no Outono.

Aqui existem também vários miradouros, dos quais salientamos o do monte de S. Gabriel, de onde temos uma outra perspectiva do Baixo Côa, desde os granitos de Cidadelhe até aos xistos da Quinta de Ervamoira. Finalmente, a região é rica em produtos como os vinhos do Porto e de mesa, o azeite, o mel de rosmaninho e a amêndoa, ou os doces com ela confeccionados. Vila Nova de Foz Côa é também muito procurada nos meses de Fevereiro e Março, aquando

da floração das amendoeiras, sendo até conhecida com a “Capital da Amendoeira em Flor”. Existem, actualmente, vários operadores turísticos, com protocolos estabelecidos quer com o Parque Arqueológico do Vale do Côa, quer com o Parque Natural do Douro Internacional, que podem organizar aqui a sua visita, proporcionando-lhe a estadia ou uma série de outras actividades, como passeios de burro ou de canoa, por exemplo:

✦ Hospedaria do Convento: 271311819,

www.hospedariadoconvento.pt

✦ Quinta do Chão d’Ordem, 279762427,

www.chaodordem.com

✦ Ravinas do Côa: 967098167,

www.ravinasdocoa.lda.pt

✦ Sabor, Douro e Aventura: 966005079,

www.sabordouro.com

✦ Sociedade Turística Estalagem Falcão Mendonça: 271319200,
967607685,

www.falcaomendonca.com/fr/home.htm



Fauna e Flora da região

Por Terras da Faia Brava

A Associação Transumância e Natureza (ATN), ONG ambiental, tem desenvolvido, na região de Ribacôa, projectos relacionados com a conservação da natureza e a sua divulgação. O seu território prioritário de actuação localiza-se no vale do Côa, onde a ATN é detentora de cerca de 500 ha em áreas importantes para a fauna, para a flora e ainda de notável beleza paisagística. Nestas áreas existem trilhos de interpretação ambiental, que os visitantes podem percorrer acompanhados por técnicos da associação em visitas guiadas que mostram os valores naturais existentes.

Para informações e marcação de visitas:

www.atnaturea.org

Ana Bertliner e Alice Gama



Bibliografia

AUBRY T., MANGADO LLACH X., SELLA-MI F., SAMPAIO J.D. (2002) – Open-air Rock-art. Territories and modes of exploitation during the Upper Paleolithic in the Côa Valley (Portugal). *Antiquity* Vol.76, n.º291, : 62-76

AUBRY, T. (2006) – Vallée du Côa, un art préhistorique unique. *Archéologia* n° 436, :62-71.

AUBRY, T. ; LUÍS L. ; SAMPAIO J.D. (2007) Primeira datação absoluta para a arte paleolítica ao ar livre: os dados do Fariseu (Vila Nova de Foz Côa). *Al-Madan*, n°14, : 48-52

AUBRY, T., SAMPAIO, J.D. (2008) - Fariseu: new chronological evidence for open-air Palaeolithic art in the Côa valley (Portugal). *Antiquity* Vol 82 Issue 316 June 2008. <http://www.antiquity.ac.uk/ProjGall/aubry/index.html>

BAPTISTA, A.M. — No tempo sem tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares. Edição do Parque Arqueológico Vale do Côa, Vila Nova de Foz Côa, 1999.

BAPTISTA, A.M. — “O ciclo artístico quaternário do Vale do Côa. Com algumas considerações de método sobre estilos, valoração estética e crono-estratigrafia figurativa”. 1º Curso Intensivo de Arte Pré-Histórica Europeia (Tomar, 1998). *ARKEOS, Perspectivas em Diálogo*, 6 (II), Tomar, 1999, p. 197-277.

VALLADAS H., MERCIER N., FROGET L., JORONS J.L., REYSS J.L., AUBRY T. (2001) - TL Dating of Upper Paleolithic Sites in the Côa Valley (Portugal), *Quaternary Science Reviews*, vol. 20, nos. 5-9, : 939-943.

